

JORNAIS E JORNALISTAS

Por ALEXANDRE VIEIRA

Aqui escendo do melhor grado, ao convite da Comissão Administrativa da Sociedade A Voz do Operário, no sentido de escrever algo para o presente número do seu órgão na imprensa, é da melhor vontade que correspondo, não só porque se comemora o 84.º aniversário do jornal que pertence a uma colectividade de que me prouzo de ser antigo associado — o que merece relevo —, mas também porque foi este um dos primeiros órgãos da imprensa operária em que, das profundas de Viana do Castelo, terra da minha adolescência, comecei a escrever, há perto de 60 anos.

Como se trata do aniversário dum jornal de trabalhadores, e se dá o caso de eu, além de pertencer à grei, ser já durazão na idade, recordarei jornalistas operários com os quais contactei, de perto, há mais de 50 anos tendo muitos deles sido colaboradores d'A Voz e pertencendo quase todos ao mundo dos mortos.

Se não ir mais longe, lembrarei um nutrido grupo desses homens que exerceram papel saliente no diário sindicalista publicado em 1908, arrojada iniciativa dum quinteto de tipógrafos, quinteto a que pertenci e do qual restam somente dois dos componentes: Evaristo Judicibus, com seus dinâmicos 86 anos de idade, e a minha pessoa.

Desse grupo de jornalistas fizeram parte: José Fernandes Alves (que, posteriormente, viria a dar grande actividade à Voz, como seu redactor-principal), Teixeira Severino, João Black, César dos Santos, Eduardo Abreu, Raul Ernesto Dias e José Benedy, todos operários tipógrafos, ladeados por elementos de outras profissões, como César Nogueira (felizmente do número dos vivos e ainda admirável colaborador d'A Voz), Trindade Correia, Ladislau Batalha, João Pereira, Jorge Coutinho, Hilário Marques, Calvet de Magalhães, Pinto Quartim e o pintor Cervantes de Haro.

Posteriormente, isto é, em 1918, também tive ensejo de contactar num outro quotidiano operário (A Batalha), com confrades que igualmente deram boa conta de si como jornalistas, figurando entre eles: Perfeito

de Carvalho, Luis Consiglieri Sá Pereira, Clemente Vieira dos Santos, António Inês, Gil Gonçalves, Manuel Gonçalves Vidal, Mário Castelhano, David de Carvalho, Artur Inês, Nogueira de Brito, Alfredo Marques, Cristiano Lima, Mário Domingues, Augusto Machado, dr. Sobral de Campos, et-.

E em Batalha e noutras publicações periódicas lançadas pelo órgão da C. G. T., como o Suplemento d'A Batalha e Renovação, dirigidas por Pinto Quartim, salientaram-se jornalistas, que eram, simultaneamente, escritores, como Ferreira de Castro, Jaime Brasil, Julião Quintinha, dr. Aurélio Quintanilha, Neno Vasco, José Carlos de Sousa, Assis Esperança, Emilio Costa dr. Adolfo Lima, Bernardo de Sá, dr. César Porto, Manuel Ribeiro, Cristiano de Carvalho, Roberto Nobre, Eduardo Frias, Carlos Rates, Artur Portela, Campos Lima, etc.

Mortos muitos dos escritores e jornalistas supra mencionados, outros lhe sucederam, como é natural.

Mas a verdade é que, em relação ao número que se registara noutros tempos, é diminuta a sua quantidade, o que não significa que não continuem a subsistir problemas de ordem económica e social que merecem a maior capacidade de atenção, que o mesmo é dizer que não escasseia assunto.

Custódio Braz Pacheco

Na sua já consagrada secção «Figuras Gradadas do Mutualismo» que vem publicando em A Previdência — boletim de «A Previdência do Ferrovário Reformado» — que se publica no Porto, o sr. J. Santos Chicharo ocupou-se de Custódio Braz Pacheco.

O trabalho do distinto jornalista que abre com não menos valiosas e penhorantes referências à obra da nossa Sociedade, é ilustrado com a reprodução do retrato de Custódio Braz Pacheco.

A J Santos Chicharo e ao sr. António Rodrigues Coutinho, illustre director de A Previdência, testemunhamos o nosso agradecimento.

Consócio:

Frequente o Salão de Festas

de A Voz do Operário

Por uma quantia módica, além do espectáculo que lhe proporcionamos, contribui para uma obra de assistência educativa e beneficente que a todos nos dignifica

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Não perca a oportunidade dumas boas férias

Depois de um ano inteiro de trabalho justificam-se plenamente alguns dias e até algumas semanas de descanso.

Convém sob todos os pontos de vistas, sem esquecer o da saúde que é afinal, o mais importante, que à monotonia do cenário da vida de todos os dias se suceda o salutar horizonte duma actividade nova e diferente. Quinze dias de férias no campo ou na praia, quinze dias ou mesmo mais de regresso à paz da Natureza e da vida simples sem etiquetas e salameques mais ou menos hipócritas e quase sempre interesseiros, rejuvenescem, enchendo o espirito de optimismo criador de forças, para mais um ano de trabalho útil em benefício próprio e da colectividade.

E portanto conveniente que o alto significado das férias não seja desvirtuado e não se transforme em novo foco de aborrecimentos, de contrariedades e de excitação. O mais aconselhável é a vida simples, no campo ou na floresta, junto da amiga árvore, a confraternizar, digamos, com os elementos, a ouvir o canto das aves ou o canção dolente do mar. Há mil encantos da Natureza-Mãe que nos são oferecidos de graça bastando tão-só, para os descobrir, que a nossa alma esteja tranquila e o nosso corpo não esteja doente.

Há quem tenha a impressão de que

para gozar umas boas férias é preciso muito dinheiro e como quase ninguém o tem, ei-los a ruminar tristezas em casa. No entanto umas pequenas economias tornam viável uma permanência em qualquer aldeola, numa simples tenda ou num bom quarto modesto. A cigarra canta de graça para quem a quiser ouvir e não está provado que o luxo e as complicações culinárias façam qualquer bem à saúde. O que é preciso é descanso, descanso para o corpo, descanso para a alma!

Respire a plenos pulmões o ar puro dos bosques, das montanhas ou das praias, deixe o seu aparelho de rádio em casa e não se meta nos trabalhos forçados dos desportos em exagero e abandone-se à calma beatitude duma comunhão absoluta com a Natureza. Aproxime-se da árvore, das flores campestres da montanha do mar e do sol. Descanse, não perca a oportunidade dumas boas férias!

II Jogos Florais do Trabalho

Na noite de 23 de Setembro p. p. no Serão para Trabalhadores levado a efeito no Coliseu dos Recreios, comemorando o XXX aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, foram proclamados os vencedores dos II Jogos Florais do Trabalho levados a efeito pela Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, em colaboração com a Junta de Acção Social.

Com numerosa concorrência às suas várias secções, estes Jogos Florais do Trabalho, corresponderam plenamente ao desejado êxito.

GRANDEZAS E... NINHARIAS

Por HELIODORO LOPES

Pelo aniversário que passa data solene para esta Casa e para todos os que sentem a grandeza da obra realizada, e comparando-a com os exíguos meios ao seu alcance através dum período de tantos anos de labor ininterrupto, bem desejaríamos dizer quaisquer palavras sobre o seu significado.

...Mas, que poderíamos acrescentar, depois do que tantos disseram antes de nós, e melhor do que nós seríamos capazes de fazer?

Se os bons actos e os exemplos salutares nunca são assaz lembrados e repetidos, não faltam ainda, felizmente, outros mais aptos para os lembrar.

E à Voz do Operário que há-de permanecer a despeito de todos os revezes jamais lhe hão-de faltar cronistas para perpetuarem os seus fastos edificantes.

Bem hajam, pois, os que não se cansam de o fazer.

Se nos for permitido, lembramos, aqui, alguns episódios, vividos, ou não, por quem rabeisa estas linhas, porventura alguns passados em tempos já distantes, mas que a tradição trouxe até nós, pelo testemunho de sócios antigos que ainda conhecemos e, há muito, já não pertencem ao número dos vivos.

«Pequenos nada» como diz o Povo, a sua evocação ajudará, acreditamos, a conhecer, um pouco a pequena história desta Sociedade e o carácter dos homens que a têm servido.

E não faltará, também, um certo sabor humorístico numa ou outra passagem, para amenizar esta prosa descolada.

Numa tarde de domingo, encontrando-me nos Anjos, saltei para um eléctrico em andamento.

Havia de ser hoje! — Naquele tempo era um mui o mais novo, mais leve e... até havia bilhetes de cinco tostões.

Sentei-me e pedi ao condutor um dessa importância.

Impassível, o homem cortou um de «oito» e ia entregar-me quando lhe objectei que pedira um de «cinco» pois seguia para a Baixa.

Que tinha de ser de «oito», retrucou, pois eu entrara muito antes dos Anjos.

Contestei, sem me alterar. Que diabo um engano qualquer tem...

Teimou grosseiramente, até que, para encurtar razões, lhe disse que só pagaria um bilhete de cinquenta centavos e chamasse, ele, um polícia se quisesse.

Queriu que eu descesse do carro, ao que me recusei peremptoriamente!

Então trovejou do fundo do carro uma voz que eu muito bem conhecia das assembleias gerais da nossa Sociedade:

— Esse senhor entrou nos Anjos que eu bem vi!

O condutor ainda pretendeu ripostar, mas a tal voz fulminou-o, acrescentando:

— Olhe que eu sou insuspeito, pois

estou de relações cortadas com esse senhor há muito tempo!

Com qualidades e defeitos à mistura (são) quase todos assim os homens de A Voz do Operário.

Um dia em que um grupo de sócios conversava sobre o «bufete» — nesse tempo ainda o nome de «bar» não estava tão vulgarizado como agora — e sobre as normas do seu funcionamento, que tinha lugar nos dias de festa da Sociedade ou de sessões de cinema do nosso Salão, um deles muito penetrado dos mais sãos princípios, opinou que ali não deveria vender-se vinho, dados os sentimentos elevados e a conduta rigorosa que deviam nortejar A Voz do Operário.

Mas que bebidas deveriam fornecer-se, objectaram-lhe?

— Ora, leite por exemplo.

— Então, um dos sócios presentee, com ar malicioso piscando muito os olhos por trás das suas lunetas, corroborou:

— Sim, e até podia mandar-se pintar uma vaquinha na porta...

Pelos fins da chamada «Primeira Grande Guerra», uma terrível epidemia, a Pneumónica, viuvar, entre nós, milhares de pessoas. A Voz do Operário, já nesse tempo, com uma grande massa associativa, sofreu um rude golpe. Foram muito pesadas as baixas por falecimento de sócios.

Também os seus funerais, realizados ininterruptamente durante o tempo que o flagelo durou lhe abalararam seriamente a economia.

Viu-se em aflitivos apuros, chegando em certo fim de mês a não ter dinheiro para pagar os ordenados ao seu pessoal. Parecia o fim de tudo...

Mas qual!

Os seus directores porfiaram em debelar a crise. Um deles empenhou as jóias da esposa e os ordenados foram pagos como se impunha!

Que homem!... disseram.

E, que mulher!... acrescentamos.

Afinal dois seres dignos um do outro...

UMA CARTA

A par de algumas manifestações de egoísmo que nos têm entristecido, sabe bem e é reconfortante termos a certeza de que alguns dos nossos alunos nos não esquecem, manifestando por escrito o seu reconhecimento pelo nosso esforço e pela Obra da nossa Instituição. O exemplo de dignidade e de carácter, que tais atitudes revelam, é para nós um incentivo para que continuemos a lutar, com mais amor e carinho, a bem da cultura popular. Eis o que nos diz esta nossa ex-aluna:

Lisboa, 30 de Setembro de 1963

Excelentíssimos Senhores

Fui aluna da Escola, situada na Rua do Açúcar, ao Poço do Bispo, desde Outubro de 1959 até Julho de 1963, onde fiz meus exames de Instrução primária e admissão ao Liceu, nos quais obtive bons resultados.

Por esta razão, venho muito respeitosamente agradecer-vos, todos os trabalhos, que os Senhores têm, para que nos seja dada a Instrução.

Seria ingratitude, se depois do bem que recebi, nos vos dissesse: Muito obrigada Senhora...

Quero também dizer-vos que estou muito grata às minhas queridas professoras: S. nhoras Donas Maria João Ramires Glória e Senhora Directora Cecília dos Santos e também à Senhora contínuia Dona Lúcia Fernandes que sempre foram tão boas amigas. Para todos vós os meus grandes e sinceros agradecimentos.

Vossa dedicada aluna

Maria Luísa Monteiro Nunes

Depois da espontaneidade desta carta, que nos comoveu, só nos resta agradecer à nossa antiga aluna a gentileza do seu gesto e pedir-lhe para que continue a bem querer a casa que lhe proporcionou a luz da instrução, A Voz do Operário, e que, continuando nossa associada, não se cante de enaltecer uma obra que bem merece o carinho de todos nós, especialmente daqueles que passaram pelos bancos das suas escolas.

CREPÚSCULO

Descem as sombras bem juntinho ao mar,
Cintilam luzes no azul cinzento,
E a nossa alma sente por momento,
Que um sonho subtil vai começar.

Passam já os rebanhos da pastagem,
Todo um dia de sol já vai no fim,
E eu sinto nostalgia presa em mim,
Um não sei quê tal como uma miragem.

Tudo adormece na mansão celeste,
Com doce calma a terra já se veste,
Há repouso, sossego, há solidão.

No céu, o pôr do sol é todo luz,
E aquele entardecer que nos seduz,
Só traz tristeza e mágoa ao coração!

Maria Helena de Carvalho

Salão de Festas

PROGRAMA DE OUTUBRO

Sábado, 5 e Domingo, 6 — Tomboia, Quinta-feira, 10 — As 7 mulheres do Barbazul.

Sábado, 12 — A Marca do Ódio. Domingo, 13 — Os Mistérios de Paris.

Quinta-feira, 17 — Amizade Sangrenta.

Sábado, 19 — Serão para trabalhadores.

Domingo, 20 — Espadachim do Siena.

Quinta-feira, 24 — A volta do gorila.

Sábado, 26 — Dom Roberto.

Domingo, 27 — Ele, Ela e o Marido.

Quinta-feira, 31 — Os inimigos.

Estes programas podem ser alterados por qualquer motivo imprevisto.

PROGRAMAS DUPLOS

Dias do associado: 10, 12, 17, 24 e 31 de Outubro.

Meian e a apresentação do cartão de sócio com fotografia e quota actualizada, os sócios de A Voz do Operário, pagam, nestes espectáculos, a quantia de Esc. 2500, com direito a levantar mais dois bilhetes para seus familiares.

A identificação terá de ser feita na Bilheteira e nos Porteiros do Salão.

Os Familiares só poderão beneficiar do dia do associado acompanhados do Sócio.